



As Redes Sociais e os Blogs Reconfigurando o Jornalismo¹

Luiz Ricardo Goulart HÜTTNER²
Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

As redes sociais e os blogs dominaram, em pouco tempo, a vida da maioria das pessoas. Hoje, eles se fazem presentes não somente na vida pessoal das pessoas, mas como também em suas rotinas produtivas. O jornalismo foi o maior atingido. Como foi também, a profissão que mais se beneficiou do ciberespaço. Com novos atores na rede, várias vozes puderam ser ouvidas. Não existe mais um receptor, mas sim um usuário, que também é capaz de produzir informações. A tarefa do jornalista mudou, assim como também, as teorias do jornalismo e da comunicação, sofreram mudanças.

PALAVRAS-CHAVE: gatekeeper; gatewatcher; jornalismo; Internet; comunicação.

INTRODUÇÃO

Não há novidade que vivemos, hoje, num mundo cada vez mais interconectado. Um mundo em que é impossível viver sem as tecnologias, seus benefícios e malefícios, suas facilidades e também suas complicações. O que Pierre Lévy, chama de ciberespaço, que nada mais é do que,

“o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. [...] Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (LÉVY, 1999, p. 17)

Com a evolução, e sua rápida disseminação, os meios tecnológicos causam incontáveis alterações na coleta, produção e consumo das informações. Um processo que está no seu auge, mas que tende a evoluir a cada dia mais. Com a expansão do acesso a Internet, a cibercultura faz com que os usuários da rede não tenham mais barreiras geográficas para a publicação do que está acontecendo em sua volta. André Lemos diz que,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Acadêmico do 5º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), email: luizricardohuttner@gmail.com



“A cibercultura será uma configuração sociotécnica onde haverá modelos tribais associados às tecnologias digitais, opondo-se ao individualismo da cultura do impresso, moderna e tecnocrata. Com a cibercultura, estamos diante de um processo de aceleração, realizando a abolição do espaço homogêneo e delimitado por fronteiras geopolíticas e do tempo cronológico e linear, dois pilares da modernidade ocidental” (LEMOS, 2002, p. 72).

O jornalismo sempre se modificou, desde seu principio, com a invenção da prensa de Gutemberg, até o fenômeno da Internet que vivenciamos nos dias de hoje. No ciberespaço, com a exclusão das barreiras geográficas, não se faz mais necessário o jornalista correr atrás de uma informação. E mesmo quando há a necessidade de obter uma entrevista, averiguar um fato, o profissional já sai de sua redação, sabendo o que realmente está acontecendo, ou prestes a acontecer. A tarefa deste profissional se modificou. Elias Machado diz que,

“O jornalismo nas promove uma inversão no processo tradicional de produção de notícias porque o repórter antes de sair em perseguição de uma personalidade qualquer para recolher uma declaração sobre um determinado fato deve empreender um levantamento dos dados necessários para elaborar a notícia ou reportagem. Enquanto no jornalismo convencional, muitas vezes, a notícia consiste na própria declaração, o jornalismo nas redes possibilita que a declaração seja apenas um dos elementos que reforça a credibilidade da notícia” (MACHADO, 2002, p. 8).

Agora, a informação chega aos montes na redação, das mais diversas redes possíveis, dos mais diferentes atores que compõem as redes na Internet. A informação chega, principalmente, pelas redes sociais e pelos blogs independentes. Ambas as formas, os atores, não são obrigatoriamente jornalistas. Podem ser pessoas comuns, que apenas transmitem o que passa em sua volta para as redes, sem compromisso com a veracidade das informações prestadas, sem apurar, sem as técnicas jornalísticas que são aprendidas na academia.

O fato é que, todas as profissões sofreram drásticas mudanças com a invenção dos computadores. Para os serviços burocráticos, a possibilidade de usar sistemas avançados para fazer pequenos serviços. No jornalismo, a edição rápida de textos, de fotografias, áudios, facilitou a atividade jornalística. Mas muito mais estava por vir. A internet, trouxe consigo a possibilidade do banco de dados, do correio eletrônico, da troca de mensagens, logo em seus primeiros anos de existência. Mesmo a partir do fim da década de 90, com a maior velocidade da Rede Mundial de Computadores, a invenção de diversas plataformas de comunicação, o aumento da tecnologia, é difícil achar um fim



para o ciberespaço. Pelo contrário, ele tende a crescer cada vez mais. Castells já afirmava isso no seu livro “A sociedade em Rede”, segundo ele:

“Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo.” (CASTELLS, 414)

Não só a atividade jornalística mudou com o passar do tempo. As teorias da comunicação, assim como também as teorias do jornalismo, se modificam, ou melhor, se adaptam as novas formas de informação que surgem a cada dia. Para se adaptar à Web, o jornalismo, ganha novas características. Palacios [2002 (1999)] “estabelece cinco características: Multimídia/Convergência, Interatividade, Hipertextualidade, Personalização e memória. Cabe ainda acrescentar a Instantaneidade do Acesso, possibilitando a Atualização Contínua do material informativo como mais uma característica do Webjornalismo.” (MACHADO e PALACIOS, 2003, p. 2)

A grande mudança que a Rede trouxe, para o jornalismo, logo no início do século 21, foram as novas interações sociais pela rede, ou seja, as redes sociais na internet. Agora, qualquer pessoa pode, com apenas um aparelho celular, ser um colaborador da informação, um agente não só receptor das informações, mas também, um produtor da notícia.

Além das redes sociais ou mídias sociais, as plataformas de blogs gratuitos, surgiram como mais um manancial de informações para o jornalista.

Tudo isso, graças ao aprimoramento da Web, chegando essa, na sua segunda geração no tempo em que vivemos, a chamada Web 2.0. Essa Web potencializa as formas de informação. Segundo Primo (2007),

“A Web 2.0 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo. A Web 2.0 refere-se não apenas a uma combinação de técnicas informáticas (serviços Web, linguagem Ajax, Web *syndication*, etc.), mas também a um determinado período tecnológico, a um conjunto de novas estratégias mercadológicas e a processos de comunicação mediados pelo computador” (PRIMO, 2007, p. 1).

A relação entre jornalista e seu público, também sofreu mudanças com a Web 2.0. Elizabete Barbosa, no começo deste século (2000), falava deste relacionamento,



jornalista/leitor. “O relacionamento entre os jornalistas e o seus leitores tem vindo a sofrer alterações, que, em alguns casos, poderão ser pouco notórias mas, à medida que mais utilizadores acederem à Internet, poderão ter grande influência na forma como os jornalistas fazem seu trabalho.” (BARBOSA, 2000). A autora já previa o que hoje acontece. Um processo de mão dupla, onde o jornalista informa, o público opina, e assim podem gerar novos e diferentes discursos.

REFORMULANDO VELHAS TEORIAS

O jornalismo surgiu junto com a necessidade que o ser humano realizar a troca de informação entre seus pares. Acreditava-se, no início da atividade jornalística propriamente dita, que o jornalismo deveria ser um “espelho da realidade”, ou seja, a informação repassada deveria chegar o mais próximo possível da objetividade e da neutralidade, assim, o jornalista estaria retratando “o fato como ele aconteceu”. Com o passar do tempo, percebeu-se que o discurso jornalístico não tratava da realidade em si, já que a realidade e o discurso jornalístico, existem algumas interferências.

Para dar conta das interferências que acontecem entre a realidade e a informação a ser repassada, surge a teoria do *gatekeeping*, teoria essa que privilegia a ação pessoal do jornalista responsável por selecionar a notícia. A teoria foi desenvolvida na década de 50, pelo estudioso David Manning White, em um artigo publicado na revista *Journalism Quarterly*. White realizou seu estudo com um jornalista que tinha mais de 25 anos de experiência na profissão, numa cidade com cerca de 100 mil habitantes. A tarefa desse jornalista era de selecionar as notícias que seriam veiculadas no jornal. Ele deveria escolher, dentre as dezenas de notícias que chegavam à redação, enviadas por agências de notícias. De dez notícias que passavam pelo seu critério de seleção, nove eram rejeitadas. A maioria das notícias rejeitadas não eram veiculadas no impresso, pela falta de espaço. White chegou à conclusão de que as escolhas do jornalista foram subjetivas e arbitrárias. Foram baseadas no conjunto de experiências do profissional, atitude e expectativas do seu público alvo.

Felipe Pena entende pela teoria do *gatekeeping*, que “só viram notícia aqueles acontecimentos que passam por um portão (*gate*). E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (o *gatekeeper*), que é o próprio jornalista” (PENA, 2005).



Além de passar pelo crivo do selecionador, a notícia deve atender aos valores-notícias do veículo de comunicação adota, ou seja, os critérios de noticiabilidade.

Porém, desde o estudo do *gatekeeping*, nos anos 50, até os dias de hoje, foram várias etapas passadas. Com o passar dos anos, o avanço do ciberespaço, trouxe consigo etapas de desenvolvimento do webjornalismo. Primo e Träsel (2008) classificam em três diferentes gerações.

“A primeira geração é a da transposição do modelo do impresso para as redes digitais. As notícias seguem o padrão de texto e diagramação do jornal tradicional, agregando poucos recursos para a interação com o leitor, em geral apenas e-mail e um menu de navegação, mas também fóruns e enquetes. Na segunda geração, alguns elementos específicos da Web passam a ser agregados à notícia online, embora esta continue seguindo o padrão de texto da edição impressa. Porém, passa-se a oferecer recursos de hipermídia, lista de últimas notícias e matérias relacionadas, bem como material exclusivo para a versão online. Já na terceira geração as publicações online incorporaram a hipermídia à produção do texto, aprofundando a hipertextualidade e a multimodalidade permitidas pela convergência das mídias digitais” (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p. 7).

A teoria do *gatekeeping*, com o aumento do uso da Internet, o crescimento e modernização do ciberespaço, o aprimoramento das redes sociais e do webjornalismo, se torna obsoleta. Um mar de notícias que chega nas redações dos jornais, televisões, rádios e websites de todo o mundo. A Rede chega a milhões de pessoas em todos os cantos do mundo. Porém, não somente a Internet constitui o ciberespaço, mas também, outros “rios” os alimentam.

“Se a Internet constitui o grande oceano do novo planeta informacional, é preciso não esquecer dos muitos rios que a alimentam: redes independentes de empresas, de associações, de universidades, sem esquecer das mídias clássicas (bibliotecas, museus, jornais, televisão etc.). É exatamente o conjunto dessa “rede hidrográfica”, até o menor dos BBS, que constitui o ciberespaço, e não somente a Internet” (LÉVY, 1999, p. 126).

Agora as notícias não podem mais serem descartadas pela falta de espaço para a publicação. Agora é preciso avaliar e não mais descartar a notícia. A desculpa de não haver mais espaço para a publicação, uma dos argumentos da teoria, não é mais conveniente. No ciberespaço há espaço para se publicar tudo. Surge assim a figura do *gatewatcher*. Essa nova definição faz com que o selecionar não exista mais. No lugar dele, surge um profissional que “combina funções de bibliotecário e repórter. Do porteiro, passa-se ao vigia” (PRIMO e TRASEL, 2008). Assim o jornalista não



seleciona mais o que será ou não publicado. Ele apenas direciona o leitor para as mais diferentes fontes disponíveis no banco de dados da Internet. Ou seja, o jornalista agora divulga todas as informações, redirecionando para as fontes, através na linguagem hipertextual. O profissional direciona e organiza a informação. Se torna um “observador qualificado” (SOUSA, 2011).

O direcionamento que o gateway faz com sua notícia com que, através do hipertexto e outros modos de compartilhamento das informações, a informação seja partilhada em diversos meios.

AS REDES SOCIAIS, BLOGS E A (RE)CONFIGURAÇÃO DO JORNALISMO

Num ambiente de compartilhamento que vivemos, as mídias sociais e os blogs, reconfiguram o jornalismo tradicional. Junto com a virada de século, surgiram novas ferramentas que proporcionaram ao antes mero receptor da informação, ser um agente de produção da informação. São esses os atores que habitam o ciberespaço. Raquel Recuero define os atores numa rede social como sendo “o primeiro elemento da rede social, representados pelos nós (ou nodos). Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais.” (RECUERO, 2009, p. 25).

Hoje, esses atores configuram como um grande motor, que faz com que a informação não fique somente sobre o domínio dos meios de comunicação de massa, ou nas mãos de poucos. Partilhando ideias, fotos, informações, disseminando o que acontece em sua volta, através de alguma rede social, o ator estará não somente externando o que se passa na sua volta, mas está publicando para o mundo, um assunto que pode interessar a algum grupo, mesmo que seletivo, de pessoas.

O surgimento e desenvolvimento, cada vez mais acelerados, de browsers, cada vez mais intuitivos, faz com que o acesso do usuário, mesmo que iniciante, possa publicar na Web, assuntos de seu interesse. O Blogger (1999), o Facebook (2004), o Youtube (2005) e o Twitter (2006), foram, e ainda são, as grandes redes que fazem com que o receptor passe a ser usuário e aumentaram, significativamente, o acesso de pessoas à Web.



A Internet foi o veículo de comunicação que penetrou com mais rapidez em nossa sociedade. Castells afirma que:

“A Internet tem tido um índice de penetração mais veloz do que qualquer outro meio de comunicação na história: nos Estados Unidos, o rádio levou trinta anos para chegar aos sessenta milhões de pessoas; a TV alcançou esse nível de difusão em 15 anos; a Internet o fez em apenas três anos após a criação da teia mundial” (CASTELLS, 1999, p. 439).

Graças as mais diferentes vozes, vindas de todos os lados do mundo, graças ao ciberespaço, é possível saber o que acontece em qualquer parte do mundo, a qualquer momento e de qualquer dispositivo móvel com acesso a Internet.

As redes sociais, assim como também os blogs, são utilizadas também por jornalistas, na sua rotina diária de trabalho. As tags, criadas para monitorar os assuntos mais falados na rede, servem de fonte para os jornalistas. Através de uma frase, nome ou sigla, compartilhada por diversas pessoas ao mesmo tempo, a tag chega logo ao topo dentre as tags mais comentadas em determinado momento. Através delas, é possível saber o ponto de vista de várias pessoas sobre um determinado assunto. É possível também, saber de quem está vivenciando o fato que acontece no momento, seja por uma postagem de foto no Facebook, uma frase ou tag no Twitter ou uma postagem num blog pessoal.

A disseminação dessa informação depende muito das conexões que a pessoa, responsável pela postagem, têm em seus círculos de contato. Recuero define que

“Enquanto os atores representam os nós (ou nodos) da rede em questão, as conexões de uma rede social podem ser percebidas de diversas maneiras. Em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores. De um certo modo, são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos” (RECUERO, 2009, p. 30).

O número dessas redes sociais não param de crescer. A blogosfera é formada por milhares e milhares de blogs que continuam sendo atualizados, ao menos, uma vez durante a semana. O Facebook, depois da queda exponencial do Orkut (seu antecessor), passa a ser uma das redes sociais mais acessadas do mundo. O Twitter, o microblog, conta com mais de 510 milhões de usuários, destes porém, somente 170 milhões, ainda estão ativos na rede.



Através dessas novas plataformas, a produção de informação não parte de cima para baixa, de forma vertical, mas sim, de uma forma horizontal, e até mesmo, de baixo para cima.

André Lemos, afirma que, agora, com a web 2.0, não há mais o receptor e consumidor de informação. O que acontece, agora, é uma troca, que se aproxima mais do diálogo do que da recepção.

“Com o uso social das redes telemáticas e das novas tecnologias digitais – criando redes sociais on-line, comunidade de desenvolvedores de software livres, produtos distribuídos livremente sob a bandeira do *copyleft*, ações de ciberativismo lutando pela liberdade e democratização da rede, produção de conteúdo independentes em microblogs, blogs ou em sistemas como “YouTube”, “Flickr”, “Orkut”, “MySpace” ou “Facebook”, produção de conteúdo de baixo para cima com mídias locativa, etc. – emerge uma cultura das mídias mais conversacional que informacional, já que a troca se dá mais próxima do diálogo do que da recepção” (LEMOS, 2009, p. 3)

Assim, com as mídias de livre e fácil acesso, é possível uma causa começar na Internet e chegar aos tradicionais meios de comunicação de massa. Um caso que começou como uma página de denuncia de uma aluna de uma escola do estado de Santa Catarina. Isadora Faber, de 13 anos, colocou no ar uma página no Facebook intitulada: “Diário de Classe”. Nela, Isadora relatou problemas que a escola enfrentava. Graças a iniciativa da jovem, seu Diário, foi notícia dos principais jornalísticos dominicais do País, como Fantástico (Rede Globo) e Domingo Espetacular (Rede Record).

A POSSIBILIDADE DE INTERATIVIDADE

Alex Primo e Marcelo Träsel (2007) definem dois níveis de interação. A interação reativa e a interação mútua. Na primeira, o simples processo de navegação numa página da Web já pode ser considerado uma interação. Nesse sistema de interação, há certa interatividade, mas as trocas que ocorrem são pré-determinada no par ação-reação. A navegação hipertextual e enquetes, são o que bastam para um periódico promover o que se considera uma “interatividade”.

Na reação mútua, o processo interativo é negociado entre os participantes da rede. Chegando ao ponto de uma ampla e irrestrita redação e edição por parte de qualquer pessoa que tenha acesso à rede.



Os processos de interação, de comentários, de repercussão, podem, por vezes, ser mais informativo do que a própria matéria em si. Através das diferentes vozes, vindas de fóruns de discussão, das redes sociais e do espaço destinado aos comentários no próprio site em que a matéria é veiculada, fazem o leitor ficar mais informado do que o conteúdo informado pelo autor da postagem original. A notícia serve, apenas, para incentivar o leitor a pensar, repensar, e expor sua opinião na rede.

“Esses espaços de discussão podem ser apresentados na própria página da notícia ou serem oferecidos em uma sessão do site onde diferentes debates são agrupados. Ainda que o primeiro modelo pareça oferecer melhor contextualização, ambos permitem que o público, se assim o quiser, discuta os textos e até novos dados trazidos por outros integrantes. Essa situação difere bastante do formato massivo, no qual os leitores, em virtude de sua dispersão, não dispõem de um espaço comum para a troca de ideias” (PRIMO e TRÄSEL, 2007, p. 11).

O compartilhamento de informações, cresce e influencia, cada dia mais os modos de produção das notícias. Surge o modelo *peer-to-peer*, ou seja, a partilha de recursos e de serviços através da troca direta entre sistemas. Segundo Fábio Malini (2008), esse é um processo contínuo de produção. Com as redes, os blogs pessoais, não há um objeto pronto, mas sim uma criação, de um projeto, um trabalho ou mesmo uma notícia. Segundo Maline, “o conhecimento hospedado nessas redes sociais torna-se insumo para que haja criações e recriações, que, depois de produzidas, retornam em parte para as mesmas redes de onde saíram suas bases e referências” (MALINI, 2008, p. 5).

Assim, o usuário da Rede, produz e compartilha, cada vez em maior quantidade, conteúdos para a Web. Quanto maior for o crescimento das redes sociais, das plataformas de publicação livre de conteúdos, dos fóruns de discussão, entre outros, maior será o número de produtores da informação.

Enfim, o internauta não fica mais preso ao que os veículos de comunicação de massa escolhe para ser publicado (*gatekeeping*). É possível selecionar o que se quer ler, mesmo que essa seleção, leve a notícias incompletas, e por vezes, não verídicas. Mas, porém, o processo de interação traz as vantagens da troca de informação. Enquanto no jornal impresso, o único ato de interação, que pode haver entre o leitor e o veículo de comunicação, é por envio de cartas ou e-mail, o que também, passará pelo crivo do selecionador para sair ou não, no pequeno espaço dedicado ao leitor. Na Web este quadro se inverte. É possível comentar, opinar, tanto nas redes sociais, como também no



próprio espaço dedicado para a discussão. Mas existem blogs que ainda filtram os comentários, fazendo com que, somente um lado da informação seja mostrado, o que fere uns dos pilares do jornalismo, o de ouvir todos os lados envolvidos no acontecimento.

CONCLUSÃO

O que podemos perceber é que, cada dia mais, surgem mais e mais redes sociais, blogs pessoais e jornalísticos. As teorias tradicionais do jornalismo, já não dão conta da nova configuração que a Internet trouxe ao jornalismo.

Os portões caíram. A tarefa do jornalista, de selecionar aquilo que é ou não é publicável, não cabe mais a nova configuração vigente. Para tudo há espaço no grande mundo do ciberespaço. Há espaço para os tradicionais jornais impressos migrarem para as plataformas digitais, jornalistas conhecidos e reconhecidos manterem seus blogs pessoais na blogosfera. Há espaço também para o cidadão comum, que com o mínimo conhecimento em Internet, consegue criar um blog, uma conta no Twitter, no Facebook, e assim, expressar o que pensa, o que se passa na sua volta.

São esses personagens, alguns anônimos ou mesmo fakes, que fazem com que surja uma multiplicidade de opiniões e pontos de vista. O jornalista não pode, e não deve, ficar longe desta nova realidade que a cada dia mais faz parte no cotidiano de muitas pessoas no mundo todo.

Vídeos, postagens, fotos, localização, tudo que é postado nas redes sociais e nos blogs, podem ser mais do que apenas postagens, podem ser uma fonte de informação para os jornalistas. Hoje, qualquer celular, com acesso móvel à Internet, ou mesmo outros dispositivos móveis (como os tablets), com acesso a wi-fi ou 3G, é possível postar qualquer coisa que se queira. Desde uma palestra, um local, ou assuntos mais relevantes, como um acidente, uma catástrofe natural, ou outras coisas que despertam o interesse de um público bem maior do que as conexões limitadas de uma só pessoa. O jornalista não pode ignorar as novas redes e seus atores. Pelo contrário. Basta o jornalista se inteirar de tudo o que se passa na rede, já que ela, é, e daqui para frente será ainda mais, uma fonte ilimitada de dados.



Agora, é possível estar em vários lugares ao mesmo tempo. Saber de tudo que acontece nos quatro cantos do mundo. E essa interatividade não acontece somente através de texto ou contato telefônico. Nas redações chegam informações de todo o tipo. Imagens, vídeos, textos, todas as plataformas possíveis são carregadas na Rede, e ficam disponíveis para uma nova postagem, servir de base para uma nova pauta, ou mesmo como uma fonte testemunhal do acontecimento.

Os portões não existem mais. A figura do gatekeeper, “o guardião do portão”, se modificou. Na Web 2.0, a desculpa da falta de espaço não é eficaz. No ciberespaço há espaço para publicar tudo. A tarefa do antes gatekeeper, agora é guiar o leitor para uma notícia, através dos hiperlinks, para as mais variadas fontes que tratam do tema, para assim, além de complementar a informação inicial, despertar a atenção do usuário, fazendo assim, surgir a figura do gatewatcher.

Através do advento da Web 2.0 e todas as vantagens que ela trás. O processo comunicacional também mudou. Antes havia um autor e um leitor. Agora, surge, como define Bellei (2002), que

“aponta, o termo lator, o leitor que torna-se autor. Que interage, modifica e cria novos textos em contextos singulares, além de possibilitar o compartilhamento de idéias e ideais na própria rede para os demais internautas, e assim, crescem e multiplicam-se dados, informação, conhecimentos e saberes” (SILVA, 2007, p. 192).

O produtor da notícia não está isolado em uma redação. Através da tela de um computador, o jornalista consegue estar em quase todos os lugares ao mesmo. É capaz de saber, com poucos cliques, a vida de uma personalidade, de uma vítima de acidente, de um político, ou outro fato que pouco se conhece.

Através da interação autor/receptor, o modo de construir uma notícia mudou. As fontes oficiais, antes distantes, podem estar a um clique de obter uma resposta. Assim como acontece com os outros tipos de fontes.

A opinião dos leitores não pode mais ser ignorada pelos produtores da notícia. Todo mundo tem uma história para contar. A rápida popularização e disseminação da Internet, o fácil acesso à tecnologia, o recurso de se tornar o usuário, está cada vez mais fácil de acontecer. Cresce o ciberespaço. Crescem as redes sociais. Crescem os blogs. Mas o mais importante: crescem os usuários em potencial de gerar informação. Num



movimento que não tende a diminuir, pelo contrário, só tende a crescer. Lemos já comentava sobre isso já no ano de 2005:

“O caso dos blogs (audioblogs, fotologs, vlogs) demonstra ser também um fenômeno que tem raiz na liberação da emissão e na reconfiguração da indústria midiática e de suas práticas de produção de informação. Hoje há a criação de um novo blog a cada segundo. Segundo o site ‘Technorati’, a blogosfera, conjunto de blogs ao redor do mundo, dobra de tamanho a cada seis meses. No último relatório sobre o estado da blogosfera, temos hoje 14,2 milhões de blogs. O número era de 7,8 em março de 2005” (LEMOS, 2005, p. 5).

Cabe ao jornalismo e ao jornalista, se incorporar e ser incorporado pelas novas redes. Sua atuação não se encontra reduzida ou mesmo anulada. Sua atuação sofre mudanças, assim como as teorias também sofrem algumas alterações. A popularização das redes sociais e dos blogs faz com que todas as pautas ganhem espaço na Rede. Agora, não só as pautas que interessam à grande mídia fazem parte do dia a dia do cidadão. A participação de várias vozes, dão ao jornalismo maior credibilidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Elizabete. **Jornalistas e público: novas funções no ambiente online.** Universidade do Minho, Portugal, 2002. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/02/barbosa-elisabete-jornalistas-publico.pdf> <Acesso em: 21 jan. 2013>

CANAVILHAS, João. **Do gatekeeping ao gatewatcher: o papel das redes sociais no ecossistema mediático.** Trabalho apresentado no II Congresso Internacional de Comunicación 3.0. Universidade de Salamanca, 2010. Disponível em: <http://campus.usal.es/~comunicacion3punto0/comunicaciones/061.pdf> <Acesso em: 24 mar. 2013>

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura**, v.1. São Paulo: Paz e terra, 1999.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 3ª edição, 2007.

_____. **Nova Esfera Conversacional.** In: Dimas A.Künsch, et al, Esfera pública, redes e jornalismo. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: http://www.academia.edu/1771453/Nova_esfera_conversacional <Acesso em: 19 set. 2012>

_____. **Ciber-Cultura-Remix.** Artigo escrito no seminário “Sentidos e Processos”. São Paulo, agosto de 2005. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf> <Acesso em: 15 abril 2013>

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.



MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalista**. Bahia, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf> <Acesso em: 18 abril 2013>

MALINI, Fábio. **Modelos de colaboração nos meios sociais da internet: Uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo**. Trabalho apresentado no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, RN, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2015-1.pdf> <Acesso em 18 abril 2013>

PALACIOS, Marcos. **Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória**. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), Modelos do Jornalismo Digital, Salvador: Editora Calandra, 2003. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_palacios_olugardamemoria.pdf <Acesso em: 24 mar. 2013>

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2^o edição, 2008.

_____. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E-Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

_____. ; TRÄSEL, Marcelo. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Contracampo (UFF), v. 14, p 37 -56, 2006.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SOUSA, Marcelo. **Da Teoria do Espelho ao Jornalismo em Mídias Sociais – Alterações no fluxo informacional e a prática jornalística**. Trabalho apresentado no XIII Congresso de Ciências da Comunicação Centro-Oeste, 2011. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2011/.../R27-0298-1.pdf> <Acesso em: 18 abril 2012>